

Iza: uma diva pop negra brasileira. Processos de consagração e regimes de representação

Luciana Ferreira Moura Mendonça¹

Resumo

A presente comunicação propõe-se a questionar o que há de novo no panorama da música pop brasileira em relação às mudanças nos regimes de representação racializados (HALL, 2016) e genderizados no Brasil contemporâneo por meio da análise da trajetória artística de Iza (Isabela Cristina Correia de Lima Lima, Rio de Janeiro, 1990), cantora, compositora e personalidade midiática. A projeção de Iza como diva pop negra brasileira inaugura não apenas um momento particular da música pop no país, mas, sobretudo, aponta para novas formas de apresentação e representação do corpo e da voz femininos negros, contrapostas aos estereótipos cristalizados sobre a mulher negra na cultura brasileira (GONZALES, 1984). Iza, assim como outras cantadoras atuais (Lueji Luna, Larissa Luz, Bia Ferreira, Karol Conká, entre outras) destaca-se por sua conexão criativa com o feminismo negro, que se expressa não só nos seus discursos, mas nas suas composições, posturas e performances, nas quais assume um lugar de fala anteriormente muito mais silenciado e um protagonismo advindo do processo de transformação de *objeto* em *sujeito* de representação (HOOKS, 2019; KILOMBA, 2019). Porém, de maneira diversa de outras cantadoras negras, Iza construiu estratégias artísticas e midiáticas bem-sucedidas por possibilitarem transcender as barreiras tanto do consumo de nicho como das resistências geradas pelo comprometimento com um discurso de enfrentamento ao racismo e ao sexismo. Nesse sentido, a consolidação de Iza como diva pop brasileira constitui-se em fenômeno rico para a análise das transformações, por um lado, dos processos de consagração artística e, por outro, dos regimes de representação.

Palavras-chave

Música pop; Negritude; Regimes de representação; Feminismo negro; Iza.

Introdução

O presente trabalho é parte de uma pesquisa mais ampla acerca das relações entre, por um lado, biografias e produção artística de cantadoras (cantoras e compositoras) negras brasileiras da atualidade e, por outro, os regimes de representação racializados (HALL, 2016) e genderizados, estabelecidos na cultura brasileira. Sabe-se que a presença feminina na

¹ Professora do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Música da UFPE. O presente paper foi escrito durante minha estadia como Pesquisadora Colaboradora na USP (10 de Julho a 06 de Outubro de 2023), junto ao grupo de pesquisa PAM (Pesquisas em Antropologia Musical), do Departamento de Antropologia, coordenado pela Profa. Dra. Rose Satiko Gitirana Hikiji, a quem agradeço a acolhida e a leitura atenta do texto.

música – em âmbito não só nacional, mas também mundial – é bastante constrangida pelos papéis tradicionais de gênero, cabendo às mulheres uma posição minoritária e, mais comumente, o lugar de cantoras (ROSA et al., 2013). Quando tratamos de mulheres negras, os espaços foram historicamente ainda mais cerceados. Na música brasileira, até poucas décadas atrás, a existência de compositoras negras estava normalmente circunscrita ao samba e, mesmo dentro deste gênero impunham-se restrições ao livre desenvolvimento de suas carreiras (GOMES, 2013). O fenômeno do aparecimento de um número mais significativo de cantautoras negras – como Bia Ferreira, Carol Conká, Iza, Larissa Luz, Ludmilla, Luedji Luna, Mc Tha, entre outras – é recente, datando mais ou menos da última década (2010-2020), e sinaliza uma mudança no mercado da música, com a valorização das identidades ditas subalternas e as novas possibilidades oferecidas pelas tecnologias digitais, tanto do ponto de vista da indústria como dos consumidores.

No conjunto das obras e dos discursos das cantautoras negras brasileiras mencionadas, é comum a valorização da identidade das mulheres negras, com frequentes referências ao feminismo negro, à sororidade, à valorização da beleza da mulher negra, ao prazer e à capacidade de autodeterminação, transformando-se de *objetos* em *sujeitos* de representação (HOOKS, 2019; KILOMBA, 2019), ou seja, construtoras ativas de um imaginário próprio. Nesse contexto, Iza assume um papel de destaque porque, mesmo tendo uma carreira com menos de uma década de atividade e apenas dois álbuns lançados, consagrou-se como uma diva pop e, conseqüentemente, como uma celebridade nacional. Iza construiu estratégias artísticas e midiáticas bem-sucedidas por possibilitarem transcender as barreiras tanto do consumo de nicho como das resistências geradas pelo comprometimento com um discurso de enfrentamento ao racismo e ao sexismo. Nesse sentido, a consolidação de Iza como “imperatriz do pop” brasileiro constitui-se em fenômeno rico para a análise das transformações, por um lado, dos processos de consagração artística e, por outro, dos regimes de representação.

Para favorecer a clareza da exposição, este texto encontra-se dividido em três partes. Na primeira, exploro de maneira mais teórica as relações entre regimes de representação, interseccionalidade e música, incluindo algumas considerações sobre os processos de “divatização” (LISTER, 2020) na música pop, objetivando também fornecer alguns elementos de interpretação das obras de Iza. Na segunda, exponho alguns fatos biográficos e o processo de construção da carreira da artista, procurando mostrar as conexões entre a sua biografia, as temáticas trabalhadas em suas canções e o seu discurso público. Na terceira parte, analiso dois

videoclipes de canções de Iza com o objetivo de observar quais representações são construídas e se elas podem ser entendidas como em confronto com o regime racializado e genderizado de representações. Na conclusão, teço considerações sobre a produtividade da análise e aponto para a necessidade de futuros aprofundamentos.

Regimes de representação, interseccionalidade e música

Considerando a importância do corpo e da música para a articulação da memória e identidade negras, Stuart Hall (2016, p. 160) destaca o caráter ambivalente da diferença: por um lado, ela é necessária à produção de significados; por outro, é “ameaçadora, um local de perigo, de sentimentos negativos, de divisões, de hostilidade e agressão”. A partir dessa definição, mergulha na análise da multidimensionalidade das representações, sublinhando como os processos históricos de racialização do “Outro” promovem estereotipagem e tipificação, que se fixam naquilo que o autor define como *regime racializado de representação*. Esses estereótipos sempre foram contestados, mas seus vestígios continuam em circulação.

Guardadas as devidas diferenças sócio-históricas, há uma grande semelhança entre os estereótipos mapeados por Hall na cultura anglo-saxã e os que são vistos em circulação na cultura brasileira. De maneira sintética, pode-se fazer uma ponte entre Hall e a antropóloga Lélia González (1984), que analisa mais precisamente estereótipos femininos – a tríade *mulata-empregada doméstica-mãe preta*, o que encarna a persistência de uma “gramática básica de representação” (Hall, 2016, p. 177). A tríade, na verdade, constitui uma unidade, afinal é a mesma pessoa que pode se encarnar na mulata, que brilha no carnaval e é objeto de desejo, na empregada doméstica, que cuida da casa e é invisível no cotidiano, e na mãe preta, aquela que amamenta e cuida das crianças. Embora não utilize o conceito de interseccionalidade (desenvolvido nos anos 1990), a análise de González é plenamente interseccional, considerando o entrecruzamento entre classe, raça e gênero como constitutivo de sua abordagem. As análises de Grada Kilomba (2019) e bell hooks (2019) também chamam a atenção para o caráter interseccional das relações e representações e para a importância de uma análise que leve em conta o entrecruzamento dos marcadores sociais da desigualdade.

A partir do encontro dessas perspectivas, proponho a noção de *regime racializado e genderizado de representação* como recurso analítico da produção das cantautoras negras. Os regimes de representação estão visivelmente marcados por esses eixos de desigualdade social, contribuindo para sua reprodução. Embora Stuart Hall (2016) se refira, em suas análises de

imagens, à animalização e masculinização de corpos negros femininos na escala representacional, ele não destaca especificamente o caráter genderizado das representações.

Porém, em bell hooks (2019) encontram-se muitas sugestões para o aprofundamento da análise interseccional das representações, destacando-se, entre elas, suas reflexões sobre a imposição de padrões estéticos brancos – a “ambição loira” – e a hipersexualização das artistas negras, comumente associadas a uma sexualidade selvagem, oposta à inocência e candura associadas às mulheres brancas. Sua análise sobre a carreira de Tina Turner destaca justamente essas associações e como a artista precisou mobilizar a equação sexo e poder para singrar no mercado musical após sua separação de Ike Turner. Esses elementos também são ressaltados a contrapelo em sua análise das apropriações da cultura negra feitas por Madonna.

As considerações teóricas precedentes implicam uma reflexão sobre as relações entre poder e representações. Como afirma Cervulle (2017, p. xiv), baseando-se em Stuart Hall, [o] “potencial político da representação reside precisamente (...) na sua ambivalência, no fato de que a representação pode ser investida com uma miríade de leituras diferentes, desde aquelas firmemente enraizadas no senso comum até as que tomam uma postura distintivamente de oposição” (tradução minha). De acordo com o autor, produzir uma crítica antirracista das representações (e diria também, antissexista) depende da habilidade de transitar entre a análise dos efeitos da racialização (e genderização) sobre a percepção e o estudo de seus impactos na própria representação.

A análise das representações se coloca, então, num momento reflexivo em que já se superou a reivindicação da “mera” presença de pessoas negras nos meios de comunicação de massa em geral e na música em particular. Interessa perceber de que modo as representações das mulheres negras produzidas por elas próprias em suas performances e personas públicas se confrontam com ou são lidas a partir do regime racializado e genderizado de representações. Tornar-se uma diva negra, portanto, é um processo que possui especificidades, pois a beleza e charme “naturais”, como diria hooks (2019), pertencem à mulher branca.

De um ponto de vista mais geral, Lister (2020, p. 123) afirma que “enquanto a sociedade continuar a abraçar o empoderamento feminino, a deificação da diva irá, sem dúvida, prosperar, dado que a adoração da diva parece liberar tanto as divas adoradas quanto o adorador”. Mas, será que esse processo de liberação é assim tão fácil e automático? Interessante também para a análise aqui proposta a “tipologia” das divas elaborada pela autora, diferenciando três tipos: as Primas Divas, aquelas que se destacam por sua potência

vocal; as Madonnas, que são inovadoras da música pop, cujo fator principal de reconhecimento não é o talento vocal e que mobilizam fortemente a sexualidade; e as Liliths, que podem ser identificadas com as cantoras aqui mencionadas.

Uma última consideração importante acerca dos processos de “divatização” relaciona-se à importância das instâncias da indústria da música mobilizadas na potencialização das suas carreiras. Thiago Soares ressalta que

Debater as divas na esfera da música pop implica em pensar as relações que se estabelecem entre cantoras e produtores musicais, o que as aproximações entre estas estrelas e os produtores apresentam nas disposições sônico-imagéticas e também o que implicam na vida encenada das artistas. (SOARES, 2020, p. 31)

No relato sobre a trajetória de Iza, ficará clara não só a importância da relação entre cantora e produtor musical, mas também a relação com o diretor de arte de seus videoclipes.

A trajetória de Iza: de Olaria ao estrelato

Isabela Cristina Correia de Lima Lima, Iza, nasceu no Rio de Janeiro, no bairro de Olaria, em 1990, filha de mãe professora e pai militar. Aos seis anos de idade, mudou-se com a família para Natal (RN). Estudou em escolas particulares em que sua mãe lecionava, onde era a única criança negra, e confrontou-se desde tenra idade com o racismo. Em entrevista a Lázaro Ramos declarou: “Sempre sofri muito por ser negra, pela minha aparência”, dizendo que demorou muito tempo para se reconhecer como uma mulher bonita. Na mesma entrevista fez duas outras afirmações relevantes para a análise aqui proposta. Primeiro, reconhece que o Brasil tem “um lado preconceituoso, que não aceita as diferenças, racista”. Depois afirma a necessidade da existência de “mulheres negras falando para outras mulheres negras. É muito importante. Muitas vezes o movimento negro é sexista. E muitas vezes o feminismo é racista” (ESPELHO, 2018). Além disso, declara que lhe fez falta ao longo de seu processo de crescimento referências mais fortes de mulheres negras como figuras públicas.

Suas principais influências musicais vieram da música negra estadunidense, com artistas como Brian McNight, Steve Wonder, George Benson, Donna Summer e, mais tarde, Beyoncé, Rihanna e Laurin Hill. De volta ao Rio de Janeiro, formou-se em publicidade pela PUC. Trabalhando em sua área de formação, começou paralelamente, em 2015, a perseguir o seu sonho de ser artista, colocando no ar um canal de covers do pop mainstream no Youtube. No ano seguinte, foi descoberta pela Warner Music e lançou, por esta gravadora, em 2016, o single “Quem sabe de mim sou eu”, incluído na trilha sonora da novela *Rock Story*. Seguiram-se a este, outros singles, entre os quais se encontram: “Pesadão”, em parceria com Marcelo

Falcão (vocalista de O Rappa), faixa premiada com platina tripla; e “Ginga”, em parceria com o rapper Rincón Sapiência. Em 2018, foi lançado o seu primeiro álbum de estúdio, *Dona de mim*, indicado ao Grammy Latino. Desde 2019, é técnica do programa *The Voice Brasil*, o que lhe conferiu ainda mais projeção. A cantora foi eleita a personalidade mais influente do Brasil ano de 2021 pela Ipsos, empresa multinacional de pesquisa, e foi considerada pela revista *Time* uma das líderes da próxima geração. Iza foi a primeira mulher negra da América Latina a ter dois singles, “Dona de mim” e “Pesadão”, com mais de 100 milhões de audições de streamings no Spotify. (CATRACA LIVRE, 2021). Também foi a primeira mulher negra a se apresentar no palco principal do *Rock in Rio*, o que ocorreu em 2022. Além disso, Iza aparece muito em comerciais e capas de revista, reafirmando seu processo de “divatização”.

Importante mencionar que, em 2016, Iza casou-se com o produtor musical Sérgio Santos. A combinação entre trabalho e casamento parece não ter dado muito certo, pois Iza anunciou a sua separação no final de 2022 e, em várias declarações, deu a entender que estava num relacionamento abusivo (FANTÁSTICO, 2023). O álbum *Afrodihit*, lançado em agosto de 2023, tem um quê de roteiro da separação e encontro de um novo amor, transforma a dor e a redescoberta do amor e do prazer em arte, mais ou menos no mesmo estilo de *Lemonade*, de Beyoncé. Iza declarou que jogou um álbum inteiro pronto fora, pois não expressava mais aquilo que ela queria dizer e não permitia expressar a sua voz, de tessitura mais grave. Iza afirmou que o álbum é como se “tivesse feito uma *live* numa terapia” (FANTASTICO, 2023).

Se houve alguma descontinuidade entre o primeiro e o segundo álbum de Iza, a artista continuou atuando em diversas frentes nesse meio tempo, como publicidade e cinema, além de lançar alguns singles, mas que não vieram a se transformar num novo álbum. Do ponto de vista das composições, verifica-se uma ênfase maior no segundo álbum de parcerias com outras cantoras negras, como no caso da faixa “Fé nas maluca”, em parceria com MC Carol. Esta foi a primeira faixa de *Afrodihit* a ter um videoclipe oficial lançado. Aliás, importante mencionar que, do ponto de vista da arte de seus videoclipes, é constante tanto a participação de Iza nos roteiros como a presença de Felipe Sassi, jovem diretor emergente, que se tornou o “queridinho” na direção de videoclipes de várias cantoras contemporâneas, negras e brancas, cis ou trans, como Duda Beat, Glória Groove, Karol Conká, Lexa e Lia Clark. Passemos, então, a uma breve análise de dois videoclipes de Iza.

Videoclipe e representações das mulheres negras por Iza

Destaco para fins de análise um videoclipe de cada álbum lançado por Iza, “Dona de Mim” (IZA, 2018a), faixa título do primeiro álbum, e “Fé nas maluca” (IZA; MC CAROL, 2023), primeiro videoclipe lançado a partir de uma faixa do álbum *Afrodihit*. Na análise, procuro observar de que modo a performance, as canções, imagens e demais elementos simbólicos reforçam ou se contrapõe aos estereótipos associados às mulheres negras no Brasil.

Em “Dona de mim”, Iza canta sobre um beat suave, com instrumentação eletrônica, alternando estrofes com canto mais falado e outras mais melódicas, assim como o refrão, que ressaltam a sua habilidade vocal. No clipe, três cenários são apresentados, como se fossem cenas da vida de mulheres diferentes: uma mãe com seu filho, uma professora em sala de aula e uma advogada defendendo uma mulher negra que é julgada. Nesses cenários, Iza aparece cantando, mas como uma observadora invisível, não interferente. Esses planos narrativos se integram, entremeados por cenas de dança livre de Iza. No final, as mulheres que integram o videoclipe se encontram com outras, num coro, dentro de uma igreja; mas o coro só vai cantar, regido por Iza, depois de terminada a canção, quando são exibidos os créditos. Podemos “ler” a cena do coro em vários sentidos: como um clichê importado da realidade musical-religiosa das pessoas negras estadunidenses, como expressão da religiosidade da própria artista ou de seu sentimento de união com outras mulheres, pois Iza assume explicitamente a importância dessa união, pois declara que “ser mulher é muito difícil” e que jamais fará discursos ou canções de competição com outras mulheres (ESPELHO, 2018).

Em vídeo denominado “Mulheres que inspiram”, Iza (2018b) conversou com as mulheres que participaram do videoclipe como atrizes, expondo suas vidas reais: uma mãe solo, uma professora e uma mulher trans, que faz o papel da advogada. Na conversa, ressaltam-se a força dessas mulheres, a determinação para ser o que quiserem. A presença da professora é assumida por Iza como uma homenagem à sua mãe. Na cena da escola, há um tiroteio, que interrompe tanto a aula quanto a música, remetendo à realidade violenta que circunda muitas escolas da periferia das grandes cidades. Desse conjunto, destaca-se também que a afirmação do feminino é plural, mas as diferenças não impedem a identidade ou a solidariedade. Em suma, o clipe acrescenta camadas de significado à canção.

Curiosamente, das canções do álbum *Dona de mim*, esta é a única que não conta com a composição ou parceria de Iza, tendo sido composta por um homem, Arthur. Mas Iza assume a canção como representativa de seu sentimento, figurando por isso como música título do trabalho. Na letra, elementos de valorização da mulher aparecem, como, por exemplo, “sei do

meu valor e a cotação é dólar”. Também o jeito de ser feminino não é retratado como dócil; no refrão, Iza canta: “sempre tive o meu jeitinho, é bruto, mas é com carinho/ porque Deus me fez assim, dona de mim”. Dona de si e do seu corpo, a artista demonstra uma sensualidade, um prazer do corpo ao dançar, afirmando-se ativamente.

“Fé nas maluca” (IZA, MC CAROL, 2023) – composição coletiva de Iza, Mc Carol, André Nine, Carolzinha, Douglas Moda, Jenni Mosello, King e Nox – apresenta um tom de continuidade no sentido da cumplicidade e ajuda mútua entre mulheres, mas rompe totalmente com o clima harmonioso de “Dona de Mim”, retratando a libertação de uma situação de exploração. Musicalmente, a canção utiliza ritmo, instrumentação e estilo que parecem uma mistura de funk e rap.

O videoclipe é mais do que uma ilustração da canção, pois retrata o nascimento de uma Afrodite ou da Afrodhit, que nasce da pedra (e não do mar). De seu umbigo e de suas unhas, brotam pedras preciosas, que são retiradas e exploradas pelo garimpeiro que a encontrou. Até que ela percebe a situação de exploração, sai em fuga e encontra Mc Carol, que vai ajudá-la a se vingar de seus algozes, evocando inclusive o orixá da justiça, Xangô. A fotografia, os cenários e a vingança justa remetem ao filme Bacurau, de Kléber Mendonça Filho.

A letra é bastante pesada e fala da exploração de uma mulher preciosa, equacionando sexo, dinheiro e poder, como, por exemplo: “Quer andar comigo, sente o peso da fama/ meu dinheiro te chama, agressiva na cama/ Eu não faço carinho, eu dou Dolce Gabana”. Embora seja uma composição coletiva e remeta à situação de muitas mulheres, a letra dá a impressão de referir-se ao processo de separação de Iza e aos rumores de que o ex-marido teria pedido uma indenização de 10 milhões de reais: “Perco dinheiro, mas não perco tempo/Eu tô trabalhando dobrado/ A multa é cara e o processo é lento”; “Vem com processo, que eu vou com trabalho”; “Meu advogado tá em cima da pedra de Xangô”.

O videoclipe termina com a eliminação violenta dos algozes da deusa, mas, ao invés de jorrar sangue deles, simplesmente viram poeira; ou seja, também há aqui um corpo que se liberta das amarras que o prendiam. Seria interessante situar essa canção no conjunto do álbum, cujas canções parecem transitar da situação do fim de um relacionamento para a redescoberta do prazer de viver, da paquera e do encontro de um novo amor. Por razões de espaço, uma análise mais aprofundada ficará para uma próxima oportunidade.

Considerações finais

Findo este percurso, seria interessante retomar o debate sobre representatividade, representação e consagração de Iza à luz das considerações sobre a forma como os regimes de representação influenciam tanto as formas de representar como as interpretações. Destaco a importância de terem emergido, no Brasil, diversas cantautoras negras e, entre elas, Iza, consagrada “Imperatriz do pop”. Certamente, a artista é uma referência positiva, de possibilidades de autodeterminação para meninas e mulheres, sobretudo porque escapa à tríade de estereótipos tão bem analisada por Lélia González (1984).

No entanto, ainda caberia um aprofundamento da análise, sobretudo quanto aos usos do corpo, no conjunto do corpo-som (Soares, 2020) da diva Iza. Será este um corpo verdadeiramente liberto da hipersexualização a que se submetem várias mulheres, sobretudo negras, no processo de construção do sucesso na indústria da música? Essa é uma das questões fundamentais a se responder no futuro.

Referências

CATRACA LIVRE. Conheça a trajetória de Iza, a artista mais influente do Brasil. [S.I.]. Catraca Livre, 03 set. 2021. 1 vídeo (3 min. 07). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DvyxrKpGdeU>. Acesso em 19 de abr. 2022.

CERVULLE, Maxime. Looking into the light: whiteness, racism and regimes of representation. In: Dyer, Richard. **White**. Londres: Routledge, 2017, p. xiii-xxxii.

ESPELHO. Entrevista de Iza a Lázaro Ramos. Rio de Janeiro: Canal Brasil, 24 jan. 2018. 1 vídeo (22 min. 32 seg.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P46x5pGi7rQ>. Acesso em: 13 jul. 2023.

FANTÁSTICO. Iza faz “sessão de terapia”, abre coração e dá spoilers do novo álbum. Rio de Janeiro: G1, 31 jul. 2023. 1 vídeo (7 min. 14.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sOxx8ZKKLpU>. Acesso em: 10 ago. 2023.

GOMES, Rodrigo C. S. A casa do samba e o samba da rua: relações de gênero, arte e tradição no samba carioca. In: Nogueira, I.; Fonseca, S. **Estudos de gênero, corpo e música: abordagens metodológicas**. Goiânia; Porto Alegre: ANPPOM, 2013, p. 354-379.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HALL, Stuart. O espetáculo do “outro”. In: **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Apicuri, 2016, p. 139-231.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

IZA. **Dona de mim**. [S. I.]: Youtube izaoficial, 28 set. 2018a. 1 vídeo (4 min. 34) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FnGfgb_YNE8&list=OLAK5uy_nq1bKc0LZaW3FUqihCH61v70k5XgRIEdo&index=12. Acesso em: 07 ago. 2023.

IZA. **Dona de Mim | Mulheres que inspiram.** [S. I.]: Youtube izaoficial, 21 nov. 2018b. 1 vídeo (15 min. 33) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NtizWIt1X-Q>. Acesso em 07 ago. 2023.

IZA; MC CAROL. **Fé nas maluca.** [S. I.]: Youtube izaoficial, 28 jul. 2023. 1 vídeo (5 min. 34) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5-VX-urUGu4>. Acesso em 10 ago. 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação. Episódios de racismo cotidiano.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LISTER, Linda. Divatização: a deificação das mulheres *popstars* modernas. In: Soares, T; Lins, M.; Mangabeiras, A. (orgs.). **Divas pop: o corpo-som das cantoras na cultura midiática.** Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020, p. 111-125.

ROSA, Laila et al. Epistemologias feministas e a produção de conhecimento recente sobre mulheres e música no Brasil: algumas reflexões. In: Nogueira, I.; Fonseca, S. **Estudos de gênero, corpo e música: abordagens metodológicas.** Goiânia; Porto Alegre: ANPPOM, 2013, p. 110-137.

SOARES, Tiago. Divas pop: o corpo-som das cantoras na cultura midiática. In: Soares, T; Lins, M.; Mangabeiras, A. (orgs.). **Divas pop: o corpo-som das cantoras na cultura midiática.** Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020, p. 25-42.